

LINGUAGEM E INFÂNCIA: CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Grupo de Trabalho(GT) - 22 - Leitura, escrita e alfabetização: metodologias e formação

Pollyanna Cristina Costa Nascimento¹ (UFPI)

Luciana Matias Cavalcante² (UFPI)

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a construção conceitual e prática do processo de alfabetização e letramento dos professores que atuam na educação infantil nas escolas públicas de Parnaíba. Iniciamos nosso texto refletindo sobre alfabetizar e letrar na infância, no contexto da criança pequena, apresentando a perspectiva dos estudos que apontam a necessidade de iniciar o processo de alfabetização na pré-escola porque a criança entra em contato com o signo escrito em seu contexto social todos os dias e não tem sentido a escola adiar essa mediação; e de outro lado aqueles que defendem que a alfabetização termina por direcionar o ambiente da educação infantil para uma pedagogia da escrita mecânica, descaracterizando o processo de ensino e aprendizagem que deve imprimir a socialização, o lúdico, o desenvolvimento da motricidade, da afetividade, etc. Assim, ao iniciar a investigação questionamos: como os professores e professoras da educação infantil estão compreendendo a alfabetização e letramento e como vem encaminhando a aproximação da criança com a linguagem escrita. A pesquisa que estamos desenvolvendo está na fase do trabalho de campo e encontra fundamento teórico e metodológico na pesquisação, envolvendo os(as) docentes como sujeitos ativos de todo o processo em um ato reflexivo e crítico. Nesse artigo apresentamos, portanto, dados preliminares provindos de observações e entrevistas que versaram, principalmente sobre a concepção de alfabetização e letramento. Desejamos que por meio desse artigo os(as) docentes comecem a refletir sobre suas práticas na sala de aula e assim ampliem o entendimento sobre alfabetização e letramento na educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Educação Infantil.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a concepção de alfabetização e letramento dos professores da educação infantil, seus fazeres pedagógicos e entendimento acerca da construção da linguagem na infância. Para tanto buscamos analisar suas práticas pedagógicas na aproximação da criança com a escrita. A investigação que estamos empreendendo no espaço escolar fundamenta-se na pesquisa-ação que se caracteriza por implicar numa participação direta dos sujeitos na pesquisa e incidir em um processo de intervenção na realidade estudada.

Entretanto, antes de analisarmos a compreensão e as práticas dos professores com relação à alfabetização e letramento precisamos entender o cenário das discussões e

¹ Autora, aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. UFPI, cursando o 7º período do curso. Bolsista do PIBID Programa Institucional de Bolsa de iniciação a docência.

² Coautora, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí.

problemas existentes com relação ao ensinar a ler e escrever na infância. Quando falamos de alfabetizar na educação infantil podemos discutir essa temática por duas vertentes: os que são contra porque defendem que na educação infantil deve ser priorizada a socialização, o lúdico nas aulas, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, enquanto que práticas alfabetizadoras levariam a valorização da pedagogia tradicional, centrada em ações de memorização e cópia, em um ato mecânico de codificação e decodificação do signo.

Por outro lado há os defensores da alfabetização na pequena infância, pois acreditam que o contato com a escrita se faz independente da escola e que a criança já elabora hipóteses sobre a língua necessitando da mediação pedagógica para avançar nessa compreensão, portanto não tem sentido adiar essa ação pedagógica, possibilitando o contato com a leitura e escrita como forma de familiarizar as crianças com o universo dos textos a fim de prepará-las para o desenvolvimento da alfabetização (SCARPA, 2006).

Compreendemos que o mundo moderno é um contexto fortemente letrado, portanto as relações com o signo escrito adentram a vida da criança muito cedo, mesmo nas realidades mais excludentes o saber e cultura popular participam da escrita, nos veículos de comunicação de massa, na igreja, na rua, na feira, nas contas que chegam mensalmente, nas placas e rótulos dos produtos industrializados, em toda a sociedade a língua escrita está presente. No entanto, compreendemos também que nas famílias de pais alfabetizados a presença do livro é mais forte e o estímulo ao letramento se dá com maior ênfase, pois os momentos de leituras proporcionam o contato com as palavras e ampliam o vocabulário da criança. Por outro lado existem alunos que não tem esta mesma vivência, neste caso o contato com os textos na educação infantil diminuiria essas desigualdades (Id., Ibid.).

O professor ou professora, ao proporcionar atividades com o texto escrito, contando histórias, contribui para enriquecer a formação da criança e abre espaço para a compreensão dos fundamentos da escrita, conhecendo as letras, aproximando-as de seu som e entendendo a sistemática da sua grafia, contando letras, identificando palavras, construindo com a ajuda dos colegas e professores textos coletivos. Assim, as práticas de letramento não devem se restringir ao movimento mecânico de desenhar letras e/ou sistematizar por meio da oralidade a decodificação do signo.

Para Mendel (2011) os professores na educação infantil devem desenvolver tarefas que utilizam a linguagem oral e escrita, criar espaço educativo com livros e outros textos, devem trazer sempre práticas inovadoras para que as crianças possam compreender as palavras, pois é nessa fase que elas são preparadas para a aprendizagem da leitura e escrita.

2 Função e objetivos da educação infantil: um debate sobre o processo de alfabetização/letramento e a continuidade da formação da criança no ensino fundamental

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN Nº 9.394/96, art. 29, a educação infantil é a primeira fase da Educação Básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade. A escola tem que mediar, de acordo com esta lei, o acesso à linguagem e a escrita. Diante disso, o grande desafio para os professores se daria em identificar modos construtivos para desencadear esse processo, a fim de garantir a leveza e ludicidade nessa etapa da educação, contribuindo para uma educação integral e voltada para o desenvolvimento da criança em suas múltiplas dimensões, entendendo, também, que a alfabetização é processual.

Antes de analisarmos as concepções de alfabetização e letramento dos professores precisamos compreender seu significado e definição segundo alguns estudiosos da temática. Por muito tempo acreditou-se que a alfabetização se limitava apenas em decodificar o código escrito, e por esse motivo muitos estudiosos diziam que ao tentar ensinar as crianças do infantil a lerem, faria com que a dimensão da ludicidade e socialização fossem esquecidas culminando em futuros problemas nas etapas subsequentes. Com base nesse pensamento os estudiosos definiam a idade de sete anos como ideal para iniciar o processo de alfabetização (MONTEIRO, 2010).

Nesse contexto, os estudos de Magda Soares contribuíram para enxergarmos a alfabetização em sua perspectiva instrucional, pois identifica o sujeito alfabetizado (sob o olhar tradicional) como aquele que “[...] apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam” (2006. p. 36). Ou seja, o conceito de alfabetização dissociado do letramento se reduz apenas a decodificar palavras, pois é o letramento, entendido como elemento intrínseco da alfabetização sob uma ótica progressista, que possibilita ampliar seu conceito estendendo o ato mecânico e a técnica da decodificação à postura do uso corrente e social do escrito.

Portanto, com relação ao letramento, Soares define como “é pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (2006. p. 18). Podemos dizer então que alfabetização e letramento andam juntos, e consiste em colocar em prática a leitura

e escrita no cotidiano. Diante disso, como o professor ou professora vem aplicando esses conceitos em suas práticas pedagógicas nas salas de educação infantil? Faria comenta:

O grande desafio da educação infantil está exatamente em, em vez de se preocupar em ensinar as letras, numa perspectiva redutora de alfabetização (ou de letramento), construir as bases para que as crianças possam participar criticamente da cultura escrita, conviver com essa organização do discurso escrito e experimentar de diferentes formas os modos de pensar escrito. (2007, p. 16).

O problema então consiste na forma como os educadores poderão instruir os estudantes, aproximando-os da linguagem escrita, tornando suas práticas mais significativas e promovendo a condição de indivíduo leitor. Acreditamos que o(a) educador(a) não deve assemelhar a rotina da educação infantil às práticas pedagógicas tradicionalmente engendradas na identidade do ensino fundamental, mas deve criar condições para que os alunos possam ter contato com o universo das palavras.

Diante desse contexto a escrita não pode ser apenas vivenciada como uma habilidade motora onde as crianças aprendem a copiar os nomes e as letras por meio de uma ação mecânica sem haver uma compreensão de tal uso. Ostetto acrescenta que para “[...] aproximar mais as crianças desse objeto simbólico da nossa cultura, não precisamos lançar mão daquele ditado antigo *a letra com sangue entra*, passando lições enfadonhas de copiar as letras, decorar alfabeto, seguir o modelo, escrever na linha, etc.” (2004, p. 99).

O contexto da educação infantil é espaço para a prática do letramento, promovendo a leitura através da escuta de histórias, interpretação e reelaboração do texto, contribuindo para a proximidade com a literatura infantil. Apesar de não saberem ler e escrever no sentido tradicional desse ato, as crianças podem ler e escrever de outro modo, por exemplo, “[...] ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciativa ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos” (FARIA, 2007, p. 18).

Portanto, mesmo que as crianças não consigam reproduzir graficamente a escrita e decodificar o signo impresso nos livros elas utilizam outras formas de fazer uso desses textos. A prática do letramento é a via mais significativa para iniciar o processo de alfabetização, afinal, quando o(a) professor(a) solicita às crianças que discorram sobre como foi a história contada por ele/ela, os(as) discentes relatam com suas próprias palavras o ocorrido, e até mesmo em alguns casos recriam histórias explorando novos contextos.

As reflexões em torno dessa polêmica sobre o ato de alfabetizar na educação infantil abarcam um significativo campo de questões que se referem, principalmente, a função da educação infantil e sua integração às práticas pedagógicas próprias das séries subsequentes,

especificamente do Ensino Fundamental. Assim, que função tem a educação infantil? Que objetivos estão na base de sua proposta? Que formação pretende empreender no sujeito, quais seus fundamentos?

Ainda sobre essa questão, no documento produzido pelo Ministério de Educação do Brasil, que tem como título “Ensino Fundamental de nove anos”, encontramos um tópico que aborda esse assunto e descreve:

Educação infantil e ensino fundamental são frequentemente separados. Porém do ponto de vista da criança, não há fragmentação. [...] Questões como alfabetizar ou não na educação infantil e como integrar educação infantil e ensino fundamental continuam atuais. Temos crianças, sempre, na educação infantil e no ensino fundamental. Entender que as pessoas são sujeitos da história e da cultura, além de serem por elas produzidas, e considerar os milhões de estudantes brasileiros de 0 a 10 anos como crianças e não só estudantes, implica ver o pedagógico na sua dimensão cultural, como conhecimento, arte e vida, e não só como algo instrucional, que visa a ensinar coisas. (2006, p 19).

Com base nesse documento podemos afirmar que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, apesar de suas especificidades, não devem ser compreendidos isoladamente, segregados, mas ambos educam crianças, portanto, aproximam-se em seus objetivos, qual seja o de garantir o conhecimento às crianças. Os alunos da educação infantil não podem ser impedidos de ter acesso à leitura e a escrita, haja vista que os saberes que são construídos nessa fase promovem nos sujeitos o desenvolvimento de suas habilidades para que se tornem indivíduos sociais. Tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental a finalidade da educação é disseminar os conhecimentos existentes, valorizar e estimular a produção de novos saberes e atuar no sentido da promoção de habilidades propondo formar integralmente a criança para a vida em sociedade.

3 Algumas formas de trabalhar alfabetização e letramento

Como se tem visto, de acordo com as práticas tradicionais, ao se trabalhar alfabetização na educação infantil, muitos professores continuam utilizando atividades que envolvem cópias mecanizadas de letras, sílabas e palavras, sem significados e sem contextos. Alguns exemplos mais comuns dessas ações são cobrir as vogais e numerais, e os nomes das crianças. Essas práticas são desmotivadoras e não estimulam o gosto pela leitura e escrita das crianças (MENDEL, 2011).

Então como fazer para que essas aulas entediantes se tornem interessantes e estimulantes para as crianças, sem que com isso não fuja do objetivo que é aproximar a criança da linguagem escrita. Uma das possibilidades para que a professora ou professor inove na sua prática está em trabalhar primeiramente a leitura com as crianças trazendo para o

contexto da sala de aula livros que tenham apenas imagens, fazendo que por meio dessas figuras os alunos criem suas próprias histórias. Nesse sentido, concordamos com Ostetto quando afirma a importância da fala e explica que esta precede a escrita (OSTETTO, 2008).

No que se refere às palavras podemos fazer uma atividade bem interessante que seria a apresentação do nome de cada um, valorizando a história pessoal do educando e refletindo sobre a grafia do nome da criança. Para essa atividade o educador deve preparar antecipadamente a turma para investigar a história do próprio nome conversando com a mãe ou o pai sobre a escolha do seu nome. De posse de fichas com o nome de todas as crianças o docente inicia uma roda de conversa solicitando que expressem o que sabem sobre seu nome, apresenta a ficha e destaca de vermelho a primeira letra do nome de cada um. Explora bem cada nome no que se refere à quantidade de letras, som, compara nomes semelhantes, etc. Em pequenos grupos as crianças são convidadas a grafarem na caixa de areia a primeira letra de seu nome e em seguida com massinha de modelar ou argila podem moldar essa letrinha passando o dedo várias vezes, fazendo o movimento de escrita da letra. Mesmo que nessa atividade alguns alunos estejam em níveis diferentes de escrita, a motivação e significado da vivência irão garantir a sua participação.

Outra prática interessante seria o docente pedir aos estudantes que escrevam os seus nomes usando pintura com o dedo. Pode ainda solicitar que busquem em revistas e jornais as letras do seu nome bem como letras que conhecem do alfabeto, depois solicita que colem numa folha. Além disso, pode trabalhar a colagem do barbante colorido desenvolvendo o movimento de cada letra aprendida, que podem ser letras de seu nome e dos nomes de seus colegas. (MEDEL, 2011). A prática da leitura e interpretação da história deve fazer parte da rotina da aula. Revestida de criatividade, personagens e contextos diferentes a escrita literária revela ao leitor as possibilidades de viajar e brincar com a imaginação.

Todas essas atividades fazem com que a criança participe de forma animadora nas tarefas porque encontra sentido na escrita e desenvolve o gosto pela leitura. Todavia, o(a) professor(a) da educação infantil tem que aproximá-las desse universo construtivo para que os pequenos não sejam aprisionados por ações pedagógicas disciplinadoras, mecanizadas, redutoras da criatividade. A escritora Medel acrescenta:

[...] Iniciar a linguagem escrita é muito mais do que aprender as letras e reconhecer palavras; é aprender a construir os sentidos de um texto, a apreciá-los, criticá-los, ou recriá-los; é entrar em um mundo infinito de conhecimentos, aprender a perceber uma situação comunicativa, a descobrir as sutilezas da linguagem, a detectar como as marcas específicas dos textos permitem comunicar significados. Iniciar a linguagem escrita, mesmo que ainda não se saiba decodificar, é aprender a seguir e a compreender os vestígios que o ser humano vai deixando por meio de suas experiências, suas criações, suas reflexões. (2011, p. 197).

Desse modo, ensinar as crianças a ler e escrever vai muito além de apenas identificar palavras. É ler para que se possa interpretar o mundo, fazer com que haja um entendimento daquilo que foi falado e escrito. A criança, como sujeito de cultura, precisa ser reconhecida em sua capacidade crítica, portanto, não basta conhecer e interpretar o texto, mas relacioná-lo ao seu contexto, para que dessa forma possa compreender os espaços e relações na qual está inserida, seja num ambiente escolar ou no cotidiano.

O educador pode ainda criar na sala de aula ambientes instigantes por meio de projetos, textos variados, passeios, exposições, leituras diversas, rodas de leitura. Deve organizar cantinhos da leitura, com vários tipos de gêneros textuais, inclusive as produções das crianças que conte a história de sua família, de sua comunidade, dentre outras.

Podemos perceber, então, que há várias maneiras e formas de trabalho que aproxima a criança da escrita sem romper com a atmosfera da infância. Essas práticas têm que ser colocadas de maneira estimulante para os alunos para que assim não se perca a ludicidade na qual ainda estão inseridos. As ações pedagógicas devem instigar o prazer, desde que os educadores saibam desenvolver cada atividade, mediados pela ideia de não ultrapassar os limites da infância e entendendo o ato da escrita/leitura como processual e conceitual. O trabalho pedagógico voltado para as letras e a escrita não deve tornar-se momento estressante para as crianças e sim momento de alegria e bem estar, pois se esse começo for enfadonho e cansativo mais na frente tende a se tornar um tormento.

4 Alfabetização e letramento: práticas pedagógicas identificadas nas escolas de educação infantil em Parnaíba

A realização desse estudo vem ocorrendo em uma escola de educação infantil da rede pública do município de Parnaíba no Estado do Piauí. A investigação fundamenta-se na perspectiva conceitual e prática da pesquisa. Este modelo de investigação difere-se do tipo de pesquisa tradicional que se centraliza no investigador e nos instrumentos de coleta de dados. A pesquisa trata-se de uma pesquisa libertadora e crítica, realizada pelos sujeitos que se preocupam com sua prática educativa no âmbito da escola. Com o auxílio do pesquisador participam da sistematização o processo de coleta de dados, sua análise e propõem práticas de intervenção na realidade estudada.

Iniciamos com um diálogo com os educadores propondo o debate sobre o ato de alfabetizar na infância. Sentimos que iniciaram um processo de identificação dos problemas que cercam esse fazer pedagógico e logo nos deram pistas para que conduzíssemos as

observações na escola. Em virtude disso fizemos observações em sala de aula, identificando e caracterizando os fazeres pedagógicos das professoras em relação ao letramento e a alfabetização. Realizamos também com duas docentes o processo de entrevista para explicitação de seus fazeres, procurando registrar as concepções de alfabetização/letramento que movem suas práticas.

As primeiras análises desse estudo foram voltadas para a prática da docente em relação à alfabetização e o letramento e de como lidam com essa temática com seus alunos. Começamos esse processo com a seguinte descrição:

A professora deu início às atividades na sala do infantil IV convidando os alunos para uma roda de músicas, após o término das músicas a professora senta-se no chão com eles e indaga-os sobre como foi seu dia fora da escola. Logo após faz a chamada pegando uma caixa que possui o nome das crianças e vai chamando um a um para que eles cole seu nome no mural que fica na parede. Em seguida vem o momento da leitura, mas antes da leitura em si ela socializa o livro para as crianças, fazendo questionamentos a elas e estimulando-as a falar e também a imaginar sobre o que irá ocorrer na história; ela também apresenta o título e o autor do livro (DIÁRIO DE CAMPO 06./6./2012).

Medel (2011) nos auxilia na análise dessa prática quando trata da importância da socialização das informações contidas no livro antes da prática da leitura em si, mas que esse esclarecimento não deve ser tratado como regra e sim deve ser criado um momento propício para fazê-lo, pois irá construir, a partir dessas informações, referências culturais.

Após a apresentação do livro às crianças, a docente inicia a leitura. O livro contém apenas figuras, e essa prática é feita através de questionamentos sobre as imagens, na qual cada criança apresenta sua opinião sobre o que está acontecendo na história a partir da imagem que lhe é mostrada, depois das indagações a professora conta como se dá a história. A professora no decorrer da história altera a entonação de sua voz para prender a atenção da criança e dá ênfase aos acontecimentos e fatos. Quando a professora termina de ler o livro pergunta as crianças sobre quais personagens faziam parte da história que ela contou, e pede para que elas recriem ou expliquem a partir do que entenderam daquilo que lhes foi contado por ela.

Medel (Ibid.) ainda ressalta a importância do(a) professor(a) explorar o ato de contar histórias, como por exemplo, mudar o timbre de voz para identificar cada personagem e remeter a criança para o clima próprio do enredo, é importante também que a todo o momento mostre as ilustrações para as crianças, pois facilita seu entendimento em relação ao que está sendo exposto pela educadora. Faria fala a respeito desse momento assim:

[...] Se lermos uma história com (e não para) uma criança que ainda não conhece os termos de escrita e pedirmos para ela recontar o que leu, ela certamente não dirá a história com as mesmas palavras do texto original, nem reproduzirá o enredo em sua

exatidão, mas demonstrará que compreendeu o texto (que interagiu com ele) [...] somente assim podemos considerar que a alfabetização (ou o letramento) é uma condição fundamental da educação infantil. (2007, p. 19).

Depois dessa atividade a professora pede para que os alunos sentem-se nas cadeiras e dá início a outro momento em que ela vai ensinar-lhes a vogal “e”, a partir da palavra borboleta, contextualizada do livro que acabara de ler para seus alunos. Explicando a eles que a vogal “e” pode estar inserida seja no início, no meio ou no fim das palavras, além de mostrar figuras e objetos que iniciam com a letra “e”. Logo em seguida a professora chama os alunos para que escrevam a vogal “e” no quadro e fazem isso com sua ajuda, uma a uma. Na continuidade entrega para cada criança massa de modelar para que façam a vogal “e”. Após o término do recreio passa uma atividade para que as crianças cubram e depois pintem a letra “e”, e quando acabam ela pede para que as crianças escrevam novamente no quadro a mesma vogal.

Uma entrevista foi feita para que pudéssemos compreender que concepção a professora tem a respeito da alfabetização e letramento. A educadora explica:

A alfabetização deve ser iniciada na educação infantil, mas isso não quer dizer que a criança deva sair da educação infantil já alfabetizada. É algo contínuo que vai desde o infantil até o fundamental. O letramento não é só a escrita, as letras e os numerais, o letramento vai muito da parte de imagem, leitura de símbolos isso tudo faz parte do letramento da criança. Então eu gosto muito de trabalhar com textos que não tem escrita apenas imagens que aí vai contando e eles vão interpretando a maneira que eles compreendem a história. (Entrevista I, 03/05/2012)

Entendemos, portanto, que a docente acredita que é na educação infantil que o processo de alfabetização e letramento deve iniciar de forma mais sistemática. Em seu discurso deixou claro que não reduz o ato de alfabetizar a mecânica da escrita, mas a um processo mais amplo de compreensão do que se lê e do que se escreve, compreendendo o significado de letramento e utilizando esse conhecimento na condução do trabalho pedagógico em sala de aula. Preocupa-se com a motricidade que deve dar suporte a condução do processo de escrita. Enfatizou a importância de conceber a alfabetização como um processo que não se finaliza na educação infantil, o que é muito importante, pois leva-nos a crer que não se sente ansiosa por resultados mais concretos nessa etapa. Faria nos auxilia nessa análise quando discorre a respeito dessa importância: “[...] nessa lógica, o processo de letramento (ou alfabetização) começa antes do ensino fundamental e não se interrompe sequer com a terminalidade da escolaridade regular” (2007, p. 17).

Na sala do infantil V identificamos um rico material pedagógico na sala de aula, como a presença do cantinho da leitura, calendário, chamada, cartazes com as letras das músicas usadas por ela, as vogais com figuras, o alfabeto e as atividades feitas pelos alunos. É

importante que haja na sala de aula o cantinho da leitura, bem como o mural com as produções de seus alunos, porque isso os motiva a realizarem novas tarefas. Já no que se refere à importância do cantinho da leitura se dá a partir do momento em que ele estimula e desperta o interesse da criança pela leitura (MEDEL, 2011).

Uma das práticas que a professora usou foi a música “lavar as mãos”, e com ela conseguiu trabalhar com a linguagem oral e escrita. Ela trabalhou os encontros vocálicos a partir de palavras que estavam inseridas na música, ainda nesse contexto trabalhou a importância da água. Para desenvolver a linguagem escrita ela levou cartazes com a letra da música, e explorou os encontros vocálicos. A professora depois de explicar o assunto para as crianças passou uma atividade do livro a respeito desse tema, nesse momento foi percebido a dificuldade que alguns alunos possuem em relação a mecânica do movimento para grafar letras.

Após a observação na sala de aula foi feita uma entrevista com essa educadora, também buscando identificar sua compreensão de alfabetização e letramento. A professora destacou que:

O conceito mais comum de alfabetização que nós temos é o ler, escrever só que alfabetização pra mim não é somente isso né o alfabetizar é mais do que isso, não é a criança pegar, ler sem entender. Então hoje se você sabe lê e não está entendendo aquilo então você não está lendo, não é alfabetização pra mim, então você tem que ler e entender o que você está lendo. Letramento também não difere muito desse processo que estou lhe mostrando de alfabetização porque a gente não leva pro lado de alfabetizar. Alfabetização vai lá pro fundamental só que a gente não descarta o fato de mostrar pra criança apresentando as etapas do processo de identificar, de compreender alguns textos, conhecer pra eles não chegarem lá no fundamental e ser tudo novo pra eles. (Entrevista II, 04/05/2012).

Ao lermos as palavras da professora é nítido que ela ampliou sua compreensão acerca do alfabetizar e letrar, sendo enfática ao dizer que ensinar a ler apenas como ato de decodificar símbolos gráficos, sem que haja o entendimento pleno do que está sendo lido é algo obsoleto. A docente finaliza seu depoimento falando da importância e do cuidado que se deve ter para que a criança não chegue ao ensino fundamental sem uma prévia noção da leitura.

Na perspectiva de letramento e alfabetização significa apropriar-se da escrita em seu texto e contexto, atribuindo significado ao que se lê, produzindo novos modelos e narrativas, articulando a compreensão do que se lê com a realidade que lhe circunda. Portanto, ler é mediar significados, escrever é expressar sentidos, conceitos, compressão de mundo. Assim, concordamos com Freire quando afirma que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1982).

Dessa forma, mesmo considerando esses resultados como preliminares, haja vista que a pesquisa ainda encontra-se em processo de coleta de dados, esperamos ter contribuído para imprimir nos fazeres docentes um olhar reflexivo/crítico acerca do processo de formação na educação infantil. As contribuições que endereçamos às escolas são imediatas ao processo de investigação, pois remete os educadores na ação-reflexão-ação, incidindo em um repensar do processo de alfabetização/letramento, por meio dos momentos das ações formadoras direcionadas à comunidade escolar, especificamente as professoras e professores responsáveis pela educação da criança pequena.

5 Considerações Finais

Diante do que foi visto chegamos a conclusão prévia de que alfabetização e letramento podem e devem fazer parte da educação infantil, afinal, é desde as primeiras séries que se deve mediar a proximidade da criança com a escrita tão presente em seu contexto social. Entretanto, devemos privilegiar no contexto da pequena infância práticas voltadas para o letramento, práticas que instiguem as crianças no gosto pela leitura, para que o aprendizado não se torne mecânico e descontextualizado nos reportando aos modelos tradicional, centrados no lápis e no caderno e ainda, no estresse e ansiedade da codificação e decodificação do signo.

Mesmo antes de começarem a frequentar uma escola as crianças já estão inseridas no mundo das letras e das palavras, pois, todas elas já possuem suas vivências, seja em casa através da sua família, ou por meios de placas e cartazes espalhados nas ruas, revistas, televisão e outros meios midiáticos. O grande desafio dos professores da educação infantil consiste em trazer essas vivências para o ambiente da escola e por intermédios dessas experiências possa ampliar novas possibilidades para que a criança desenvolva sua potencialidade de escrita e leitura.

Nesse ínterim, para realizar o aprendizado de forma plena, há que conscientizar os pais da importância que eles também tem na educação de seus filhos, e que esse processo não é de obrigação exclusiva da escola, afinal, o tempo que se tem na escola é inferior ao tempo fora do ambiente escolar, remetendo a importância da participação dos pais na educação formal da criança em parceria com a escola. Essa participação pode se dá de várias maneiras, como por exemplo, chamando-os a participar das atividades que envolvam a leitura e escrita, nas rodas de conversa, nos momentos em que se conta história, dentre outros. Essa inserção contribui para a percepção dos pais acerca da importância da leitura, não somente na escola, mas para a vida social da criança.

Deste modo, a criança aprende a ler e escrever inserida em um ambiente coletivo, portanto de melhor qualidade, alfabetizando-se em um ambiente “vivo”, que lhe é familiar, que lhe permita ler o mundo com sentimentos, com criação, tendo como mediador um professor que compreende a indissociabilidade e a especificidade da alfabetização e do letramento.

Compreendemos que, assim como o aluno, cada educador é único em sua forma de pensar e de agir com seus discentes, cabendo-lhe escolher qual o melhor método de ensino a ser aplicado para o melhoramento e aprimoramento do desempenho cognitivo de sua turma. Alfabetizar letrando não é uma tarefa fácil, pois exige do educador planejamento contínuo, produção de material, pesquisa, colocar-se como observador contínuo do desempenho do aluno, registrando e intervindo nas hipóteses de escrita que elabora, e, acima de tudo precisa estar comprometido politicamente com a qualidade da educação que desenvolve.

6 Referências Bibliográficas

BEAUCHAM, Janete; ET al. **Ensino fundamental de nove anos: orientações da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, estação Gráfica, 2006.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs). **O mundo da escrita no inverso da pequena infância**. 2. Ed. Campinas, SP; Associados, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

MEDEL, Cássia Ravena Mulin de A. **Educação infantil: da construção do ambiente às práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MONTEIRO, Deise Rafaela Sheffel. **Alfabetização e letramento na educação infantil: oferecendo um espaço de acesso à leitura e escrita antes do ensino fundamental**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36525/000818231.pdf?sequence=1>> Acesso: 24 abril 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

SCARP, Regina. **Alfabetizar na Educação Infantil. Pode?** Disponível; <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/alfabetizar-educacao-infantil-pode-424823.shtml>> Acesso: 24 abril 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZEN, Maria Isabel h. Dalla; XAXIER, Maria Luísa M. (Orgs). **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.